Entretextos

ENTRETEXTOS. Londrina, v. 26, esp.1, 2026.
ISSN 1519-5392 UEL
DOI: 10.5433/1519-5392.2026.v26.54817

# Táticas moventes para sobreviver a um ensino de plataformização

## *Movement tactics for surviving an educational platformization system*

## *Tácticas de movimiento para sobrevivir a un sistema de plataformización educativa*

Gabriela Dalberto[1]
0009-0008-5750-4679
Milene Lopes Duenha[2]
0000-0002-2316-0408

**RESUMO**: Este artigo traz uma reflexão crítica acerca do crescente avanço do ensino de plataformização nas escolas públicas do estado do Paraná, notadamente a partir do ano de 2020. Ele propõe um pensamento/movimento como alternativa de subversão às lógicas de padronização impostas por esse sistema de plataformas, lançando um olhar, desde o campo das Artes/Dança, às corporeidades. Por meio de revisão bibliográfica e pesquisa de dados sobre o tema, um breve panorama do contexto da plataformização em escolas públicas no estado do Paraná é traçado para, então, se apresentar uma abordagem da Pedagogia crítico-performativa de Elyse Lamm Pineau e das possibilidades de uma abordagem da Dança na escola a partir dos estudos de Márcia Strazzacappa. A proposta investe na atenção ao movimento com o objetivo de levantar estratégias para um aprendizado que não ignora as potencialidades do corpo, ao contrário, o reconhece como protagonista das relações de ensino-aprendizagem no ambiente escolar.
**PALAVRAS-CHAVE:** Corpo; Ensino-aprendizagem; Plataformas educacionais.

**ABSTRACT**: This article presents a critical reflection on the growing expansion of platformization of education in public schools in the state of Paraná, particularly since 2020. It proposes a line of thought/movement as an alternative form of subversion to the standardization logics imposed by this system of platforms, directing attention from the field of Arts/Dance, to corporealities. Through a bibliographic review and data research on the subject, a brief overview of the context of platformization in public schools in the state of Paraná is outlined. so an approach based on Elyse Lamm Pineau's critical-performative pedagogy and the possibilities of addressing Dance in schools based on the studies of

[1] Doutorado em Teatro pela UDESC. Universidade Estadual do Paraná. Email: milene.duenha@unespar.edu.br
[2] Licenciada em Dança pela Universidade Estadual do Paraná. Universidade Estadual do Paraná. Email: gabi.dalberto20@gmail.com

Márcia Strazzacappa. The proposal invests in attention to the movement with the aim of raising strategies for learning that do not ignore the potentialities of the body; on the contrary, it recognizes the body as a protagonist in teaching-learning relationships within the school environment.
**KEYWORDS**: Body; Teaching-learning; Educational platforms.

**RESUMEN**: Este artículo presenta una reflexión crítica sobre el creciente avance de la plataformización de la enseñanza en las escuelas públicas del estado de Paraná, particularmente desde 2020. Propone un pensamiento/movimiento como alternativa para subvertir las lógicas de estandarización impuestas por este sistema de plataformas, mirando, a partir del campo de las Artes/Danza, así a las corporeidades. A través de una revisión bibliográfica e investigación de datos sobre el tema, se esboza un panorama del contexto de la plataformización en las escuelas públicas del estado de Paraná, presentando así, una aproximación a la pedagogía crítico-performativa de Elyse Lamm Pineau y las posibilidades de un enfoque de la Danza en la escuela basado en los estudios de Márcia Strazzacappa. La propuesta invierte en la atención al movimiento con el objetivo de desarrollar estrategias de aprendizaje que no ignoren el potencial del cuerpo; por el contrario, lo reconozcan como protagonista de las relaciones de enseñanza-aprendizaje en el entorno escolar.
**PALABRAS CLAVE**: Cuerpo; Enseñanza-aprendizaje; Plataformas educativas.

## Introdução

> Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é uma forma de educação: a educação para o não-movimento – educação para a repressão. Em ambas as situações, a educação do corpo está acontecendo. O que diferencia uma atitude da outra é o tipo de indivíduo que estaremos formando. Cabe agora a cada um de nós fazer a reflexão (Strazzacappa, 2001, p. 79).

A escrita que aqui se segue carrega tanto um convite a pensarmos criticamente sobre como o corpo e o movimento têm sido abordados nas escolas, quanto uma provocação a imarginarmos abordagens inventivas e corporalizadas diante da crescente plataformização do ensino nas escolas públicas, a exemplo do que tem ocorrido no estado do Paraná.

> Autor(a) 1: Lembro da minha mãe, uma professora da escola pública Estadual, sempre com seus cadernos e livros de chamadas debaixo do braço. Os chamados “Livro de Registro de Frequência” eram cuidadosamente plastificados. Na capa, o nome do colégio e da turma para identificação e adesivos coloridos que decoravam cada uma das pastas. Até que chegou o dia em que as chamadas não


Licença CC BY 4.0

> eram mais feitas manualmente, com livros e canetas de pontas finas, mas por um aplicativo digital.

O Governo do Estado do Paraná vem implementando, nos últimos anos, um sistema político de Plataformização nas escolas públicas de educação básica. Isso significa que professores e estudantes da rede estadual de ensino, precisam obrigatoriamente utilizar as chamadas “Plataformas Digitais Educacionais” (PDEs) para continuar atuando em suas funções dentro da escola.

> Autor(a) 1: No começo foi um caos, minha mãe dizia que na escola não tinha internet e que o sinal não chegava nas escolas do interior onde ela trabalhava. Nas escolas urbanas, onde tinha sinal de WI-FI, o aplicativo vivia travando. Então, professores e professoras acabavam tendo dois trabalhos: continuar fazendo a chamada no papel em sala de aula e passar para o aplicativo de chamada online quando chegavam em casa.

Foram alguns meses nessa realidade até que, em 2020, a Pandemia de COVID-19 impossibilitou o contato físico diante do alto risco de contaminação. Diante desse cenário, a tecnologia digital adentrou de forma avassaladora na vida das pessoas e na educação de modo geral. As aulas agora aconteciam por meio de plataformas de videochamadas, onde professores, alunos e alunas precisavam se adaptar subitamente a essa situação. Várias medidas começaram a ser tomadas no estado do Paraná para auxiliar a educação diante do contexto pandêmico. Uma delas foi a criação do “Aula Paraná[1]", um programa de aulas gravadas pelos professores da rede estadual de ensino. Os e as estudantes tinham acesso às aulas por meio dos canais de TV vinculados à RIC, afiliada à Rede Record no Paraná[3]. Além dessa medida, também foram inseridas mais plataformas educacionais digitais no ensino durante esse período. Entretanto, essa solução não foi totalmente eficaz

[3] O programa “Aula Paraná” criado no ano de 2020, para suprir a ausência de atividades presenciais, ocasionada pela pandemia do coronavírus, continua a ser utilizado nas escolas públicas do estado do Paraná. Anteriormente, no ano de 2020 as aulas contavam com a duração de 45 a 50 minutos. Contudo, viu-se a necessidade de diminuir as gravações em 2021, 2022 e 2023 para um período entre 20 a 30 minutos. Atualmente, essas aulas contam com um tempo de 5 minutos e se encontram dentro das aulas prontas que os/as docentes recebem no sistema de ensino vigente.


Licença CC BY 4.0

para garantir o acesso de todos os alunos e alunas à aprendizagem.

É notável o aumento de recursos digitais padronizadores das aulas e modos de registro de nota e frequência nas escolas públicas da rede estadual, porém o rendimento acadêmico parece não acompanhar esse investimento. O relatório de pesquisa "Percepção dos (as) professores (as) sobre a plataformização da educação no Estado do Paraná", feito em julho de 2023 pelo Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná (APP-Sindicato) indica que, para 42,7% dos professores, a aprendizagem não modificou após a adoção das plataformas digitais e para 36,35% a aprendizagem sofreu uma defasagem. A escolha em dar continuidade com o uso das plataformas após o período pandêmico, sem a pausa necessária para testes e adaptações, traz consequências pedagógicas ao despotencializar a prática de professores (as) e a relação com estudantes. Segundo Vanda Santana, secretária educacional da APP-Sindicato, "as plataformas estão gerando um negacionismo pedagógico, uma sobrecarga de trabalho e o adoecimento dos professores, além de intensificarem a ansiedade nos estudantes. Essa plataformização não é educação, é um grande negócio", disse Santana, no 14º Fórum da Internet no Brasil[4].

Atendendo ao convite da APP Sindicato-PR (Sindicato dos Trabalhadores em Educação Pública do Paraná), o professor Roberto Moraes (2023) se debruçou sobre o atual cenário em torno das Plataformas Educacionais, a fim de compor a mesa do seminário "Plataformização da Educação: um debate necessário!" que aconteceu no dia 1° de julho de 2023 em Curitiba-PR. Embora Roberto Moraes não seja um pesquisador exclusivamente da Educação - suas pesquisas circundam temáticas como o Capitalismo de Plataformas; Espaço-Economia e Financeirização no Capitalismo Contemporâneo; Geopolítica, entre outras - ele se dedicou a estudar sobre como se deu o processo da *Appficação*[5]*, a*té chegarmos hoje no modelo que ele chama de "Plataformismo", como nova etapa do "Modo de Produção Capitalista"

[4] O evento: "A plataformização da educação na América Latina e na África e os desafios da soberania digital no Sul Global" aconteceu no dia 22 de maio de 2024 na cidade de Curitiba, PR integrando o 14º Fórum da Internet no Brasil, principal encontro sobre governança da Internet no país e foi realizado pelo CGI.br e NIC.br.

[5] *Appficação,* segundo Moraes (2023), é um processo que se formou com o acelerado "incremento da internet móvel e uso ampliado de aplicativos".


Licença CC BY 4.0

(MPC) e, consequentemente, imbricado a isso, a Plataformização da Educação.

No artigo que escreveu acerca do seminário, Moraes (2023) explica brevemente que, depois de passarmos pelas linhas de produção do Toyotismo e depois do Fordismo, hoje a "nova linha de montagem" do Capitalismo é o Plataformismo. Este, ainda mais preocupante e acelerado: "num ritmo 24/7 (24 horas e em 7 dias da semana), online, com o universo técnico-digital onipresente em nossas vidas" (Moraes, 2023). Na educação, as maiores corporações de tecnologia (Google, Facebook, Apple, Microsoft e Amazon) se ramificaram e delas derivam as PDEs (Plataformas Digitais Educacionais), como Duolingo e o Google Classroom. Assim, com o discurso de melhorar a aprendizagem do (da) estudante e ajudar o (a) professor (a), as grandes empresas vendem seus produtos (PDEs) tanto para o setor privado quanto para o setor público.

Para além do assunto do rendimento acadêmico, da sobrecarga de docentes e do mercado das plataformas digitais, a questão da qualidade da experiência humana e a própria ideia de movimento que envolve as relações de ensino-aprendizagem parece figurar em segundo plano. Esse último é um dos pontos de atenção dessa escrita, uma vez que a substituição da interação física por interação mediada provoca alterações nos modos de percepção.

A artista brasileira Quitéria Maria da Silva (2014) ao debruçar-se sobre os estudos de Cleide Campelo, coordenadora do grupo Tutu-Marambá, que pesquisa as Artes do Corpo, em Sorocaba-SP afirma a importância de nos movermos. Campelo (1997) diz que o corpo humano foi formado no movimento, quando na história contemporânea, passa a ser um animal parado. Silva (2014) amplia essa percepção dizendo que a "falta de movimento nos faz aposentar músculos antes do tempo juntamente com suas memórias".

Segundo o professor Norval Baitello Junior (2012) o gradual desengajamento do corpo, a redução da mobilidade no processo vinculado ao aprendizado produz consequências como a perda da vivacidade do pensamento e do corpo como um todo. Ele afirma que ideias sentadas são ideias "acomodadas, preguiçosas, sedentárias, que perderam a agilidade, a mobilidade, a capacidade de contra-atacar ou mesmo de se defender" (Baitello Junior, 2012, p. 15), ressaltando que "a


Licença CC BY 4.0

tecnologia contemporânea investiu todas as suas fichas em aparelhos que são operados por pessoas sentadas" (Baitello Junior, 2012, p. 18).

Há uma alteração brusca do corpo em sua relação com o espaço com essa predominância da visão focada, com horizonte restrito, sem amplitude, em detrimento de uma amplitude do movimento corporal como um todo. Conforme afirma o autor:

> É um corpo que nunca está lá onde está o pensamento, ou onde estão os desejos porque ele é demasiadamente lento e pesado para se locomover como se locomovem o pensamento, o desejo e as imagens que reverberam em nós, todos eles leves e volúveis como o vento [...] (Baitello Junior, 2012, p. 30).

Junto com o decréscimo da mobilidade há o decréscimo da capacidade de se surpreender, de perceber variações e nuances, a exemplo do inflacionamento das imagens. Com olhos fatigados, já não percebemos os detalhes do que nos é apresentado e isso gera o aumento do apelo visual; o aumento dos tamanhos dos anúncios; a saturação no uso das cores; o aumento da velocidade de apresentação das informações; a demanda por rapidez na comunicação diante dificuldade de concentração em algo que dura mais de quinze segundos; dentre tantas outras alterações perceptivas.

Perante provocações como essas de Baitello Junior (2012) e Silva (2014), e da atual problemática das Plataformas digitais educacionais no estado do Paraná, que parece reiterar um sistema de imobilidade dos corpos e do pensamento, surge um impulso de atuação: Como podemos cavar modos de criar-ensinar-aprender pela experiência, em consideração às singularidades dos corpos e ao potencial do movimento, dentro de um sistema que nos quer padronizar, nos mantendo sentados (as) diante de telas? Criar maneiras de (re)existir perante essa realidade parece uma demanda urgente na defesa da autonomia no ambiente escolar, sob o risco de cedermos a sistemas algorítmicos como figuras sem corpo, distantes de uma existência humana sensível e integrada. Esse exercício de escrita nos convida a buscar táticas de sobrevivência pelo movimento, experimentando maneiras de se articular corpo e dança no ensino básico perguntando de que formas isso pode se


Licença CC BY 4.0

tornar um meio de subverter a própria lógica das Plataformizações do ensino nas escolas.

A corporeidade pode ser traduzida pela experiência de ser corpo em sua integralidade, ou seja, não somente como aspecto da fisicalidade, mas envolvendo aspectos emocionais, afetivos, socioculturais, dentre outros. Essa compreensão evolui na capacidade de olhar o mundo e sentir-se parte dele como corpo vivo, como modo de apropriação do corpo, como meio de comunicar-se e afetar-se com o mundo e com os demais corpos. Assim, podemos dizer que os sujeitos do aprendizado são sempre distintos, uma vez que cada vivência é única. A tentativa de padronizar se coloca justamente em oposição à experiência de ser corpo de cada pessoa. Como, então, a atenção às corporeidades diversas que existem na sala de aula pode gerar modos alternativos às dinâmicas de ensino que ignoram as singularidades? Arriscamos dizer que o questionamento aos usos do espaço, o estímulo à invenção de possibilidades que envolvem o movimento, a vivificação da presença na relação entre as tecnologias e o mover do corpo podem se apresentar como caminhos.

**Quadro 1** – Texto-convite à experimentação da própria presença

| |
|---|
| E por falar em corpo, em que posição você está? Que tal fechar os olhos e respirar fundo? Como você faz isso nessa posição? |

**Fonte:** As autoras.

Por meio de breves convites ao direcionamento da atenção ao corpo e a presença em tempo real, alçamos uma experiência incorporada de leitura que envolva o movimento do próprio pensar que não ocorre sem corpo. Através de uma abordagem hipotético-dedutiva e da pesquisa performantiva (Haseman, 2006) as referências e proposições de exercícios práticos vão se costurando, de modo que a conscientização acerca das questões levantadas seja acompanhada táticas moventes para que não se perca a vitalidade inerente ao ato de aprender e de ensinar. A pesquisa performativa é um princípio metodológico que parte da pesquisa-guiada-pela-prática e lança mão de estratégias inventivas para perscrutar


Licença CC BY 4.0

uma questão e refletir sobre ela.

A Pedagogia crítico-performativa discutida pela professora de comunicação Elyse Lamm Pineau (2013) é a principal referência para a formulação das ‘pequenas ousadias táticas', conceito retirado dos estudos de Michel de Certeau (1998) sobre as táticas do cotidiano. Por sua vez, a necessidade de uma abordagem da dança na escola, conforme aponta a professora Márcia Strazzacappa (2001, 2012), é o ponto de partida para defender a indissociabilidade entre aprendizagem e movimento corporal.

Ao longo do texto será trazido um breve panorama sobre uso das plataformas digitais educacionais nas escolas públicas do estado do Paraná alicerçado em argumentos como os de Roberto Moraes (2023), em dados sindicais e depoimentos de professoras expostos no documentário intitulado: Professoras, de Eduardo Baggio e Juslaine Abreu-Nogueira (2024). Ao final das explanações, alguns exemplos de ações são levantados no intuito de ilustrar a aplicabilidade de táticas de sobrevivência à formatação dos corpos e do pensar.

## Algumas questões sobre a plataformização nas escolas públicas do Paraná no contexto da pandemia da COVID-19

Com a Pandemia da COVID-19 no Brasil, todo o processo de implantação de tecnologias digitais nas escolas públicas foi acelerado, como dito inicialmente. De modo emergencial, o governo do Estado do Paraná criou algumas medidas para conseguir dar seguimento às aulas sem interromper o ano letivo, uma solução que se apresentou menos danosa do que suspender totalmente as aulas. Assim, através dos aplicativos Aula Paraná, Google Classroom e Google Meet as aulas, em todo estado, ocorreram de forma remota. Para os estudantes sem acesso à rede de internet a solução foi transmitir aulas pela TV aberta nos canais vinculados à RIC TV, afiliada da Rede Record no Paraná e as atividades eram impressas e entregues aos (às) estudantes semanal ou quinzenalmente. A ideia era a de que os (as) alunos (as) conseguissem assistir às aulas pela televisão e responder as atividades impressas conjuntamente, porém, a realidade era bem diferente.


Licença CC BY 4.0

A rede de internet Wi-Fi não chegava a inúmeras propriedades; por isso, a alternativa era recorrer às atividades impressas e às aulas transmitidas pela televisão. No entanto, diante do cenário avassalador da crise sanitária da COVID-19, a retirada desses materiais nos colégios não era simples. Embora algumas famílias conseguissem o acesso, muitas não tinham condições econômicas e estruturais para se locomover até a escola, além do risco de contrair o vírus durante o deslocamento.

Em suma, das classes mais abastadas às mais desfavorecidas, infinitas realidades assolaram nosso país ao longo da pandemia da COVID-19 e essas diferentes condições de acesso afetaram a forma como cada indivíduo conseguiu se relacionar com o ensino durante esse período. A exemplo disso, quatro educadoras entrevistadas para o documentário PROFESSORAS (2024)[6], relataram que muitos de seus alunos não possuíam dispositivos eletrônicos suficientes em casa para acompanhar as aulas síncronas. Frequentemente, os estudantes precisavam acessar o Google Meet no mesmo horário em que seus responsáveis utilizavam o único aparelho para trabalhar, tornando o acesso ao ensino inviável. Uma das professoras ressaltou que, nessa época, não conseguia sequer ir ao banheiro durante as chamadas. Havia uma rígida fiscalização por parte da equipe diretiva e dos próprios pais: se o docente não estivesse na sala virtual no momento da checagem, recebia falta e tinha o dia descontado do salário.

**Quadro 2** – Texto-convite à experimentação da própria presença

| |
|---|
| Que tal você se levantar, sair um pouco, perceber como está seu corpo diante dessas informações? Depois, trocar de posição, para continuar a leitura e perceber o que muda diante dessa ação? |

**Fonte:** As autoras.

[6] O documentário “Professoras”, foi lançado em 9 de julho de 2024 na Cinemateca Do Paraná na cidade de Curitiba. O filme sob direção de Eduardo Baggio e Juslaine Abreu-Nogueira e produzido pelos Docentes, estudantes e egressos do curso de Cinema e Audiovisual e do mestrado em Cinema e Artes do Vídeo (PPGCineav), do campus de Curitiba II/FAP, traz uma perspectiva sobre as transformações que o sistema educacional básico vem sofrendo no Paraná desde a crise sanitária da COVID-19.


Licença CC BY 4.0

À medida que a crise sanitária se abrandava no Paraná e estudantes e educadores (as) conseguiam voltar para as salas de aula, a realidade se transformava. O governo do Estado do Paraná deu segmento à sua vontade de implantar as PDEs nas escolas de todo o estado. Em entrevista, no site do governo, o até então Secretário de Educação do Estado do Paraná Renato Feder[7] afirmou que "toda a modernização aplicada já fazia parte dos planos da secretaria a longo prazo". Em 2022 tornou-se obrigatório o uso das Plataformas Digitais Educacionais nas escolas públicas do estado. Das 21 plataformas, somente a Redação Paraná é pública, as demais são privadas, sendo que 7 são de uso obrigatório hoje nas salas de aula. São elas: Inglês Paraná, Leia Paraná, Redação Paraná, Matemática Paraná (Khan Academy e Matific), LRCO (Livro de Registro de Classe Online) e o Desafio Paraná - Quizzes. Além do RCO+aulas, uma plataforma em que os professores recebem aulas prontas, slides e sugestões de avaliação.

Diante disso, surge a questão: a quem interessa essas parcerias do público-privadas sobre o sistema de ensino público no estado, e a que serve a lógica do "enlatamento" do ensino? As grandes corporações criam um produto, nesse caso um sistema de ensino digital único, e jogam esse produto para quem quiser comprar. O governo do estado, que precisa mostrar relevância em suas iniciativas, compra esse produto com a intenção de alcançar melhores índices através dos resultados dessas plataformas, "provando" para a sociedade que existe educação de qualidade no estado. Apesar de se pautar em altos índices numéricos diante do acesso obrigatório de estudantes às plataformas, eles não contemplam verdadeiramente a qualidade do ensino diante do próprio formato de avaliação.

Embora apresentadas como ferramentas para um ensino mais dinâmico e divertido, as plataformas digitais acabam por desfavorecer o raciocínio crítico e as relações pessoais. Elas reforçam o isolamento do estudante, que permanece focado em seu tablet e restrito à própria carteira, respondendo a questionários que não

[7] Atuou como Secretário de Educação do Paraná de 2019 até 2022, durante o primeiro governo Ratinho Júnior e desde 2023 ocupa, a convite do governador Tarcísio de Freitas, o mesmo cargo no estado de São Paulo. Ele é formado em administração e foi CEO por 15 anos da empresa de equipamentos de tecnologia, Multilaser. Ele afirma que o trabalho nas escolas deve ser acompanhado por métricas. Por isso, aposta nas plataformas digitais para monitorar as atividades dos professores (as) e estudantes.


Licença CC BY 4.0

avaliam a aprendizagem real. O principal problema é que o sistema registra apenas o acesso, e não a leitura efetiva, impossibilitando a garantia de que os alunos realmente absorveram o conteúdo. "Só tenho como garantir que ele acessou", explicou uma professora sobre o aplicativo Leia Paraná em entrevista para o G1(2023, s/p). "Os 'exercícios' são corrigidos automaticamente pela plataforma. Isso significa que são de múltipla escolha, do tipo certo ou errado, verdadeiro ou falso: 'Vovô viu a uva. O que vovô viu?' Como se avalia 'análise crítica' com apenas uma resposta correta?", questionam os pesquisadores do curso de Letras da Universidade Federal do Paraná (UFPR), que elaboraram um artigo sobre as plataformas digitais impostas pelo governo na rede estadual de ensino, segundo a matéria Uso obrigatório de plataformas nas escolas compromete aprendizagem, de Ana Carolina Caldas. Uma estudante do segundo ano do Colégio Estadual Lysimaco Ferreira da Costa, em Curitiba, conta sobre a plataforma dos quizzes para a matéria da Agência Brasil: "Você pode escolher quantas vezes quiser, não tem como errar, o professor não vê seu desempenho real, você vai sempre acertar".

Diante de depoimentos como esses e do conhecimento das consequências no processo de formação de estudantes, como não problematizar o uso indiscriminado das PDEs?

> Para os adolescentes e jovens entenderem melhor sua identidade no mundo, seu pertencimento e seus relacionamentos com os diferentes, a Skinnerização não tem nada a contribuir naquilo que é mais essencial, apenas com o que é periférico. A construção do conhecimento e a educação é o processo inverso da fragmentação e da individualização, presentes na maioria das plataformas e aplicativos educacionais até aqui (Moraes, 2023).

Outro panorama em relação à obrigatoriedade do uso das plataformas é a perda da autonomia dos (as) professores (as): "Nós não estamos dando aulas, estamos apenas preenchendo plataformas", critica o professor de História, João Paulo da Rocha em entrevista para a matéria de Mayala Fernandes para o site Brasil de fato em 2024. "Há uma pressão muito forte, estamos trabalhando apenas por metas, mas o resultado prático não está acontecendo", complementa Rocha. Fernandes também conta na matéria que professores (as) chegaram a receber uma


Licença CC BY 4.0

mensagem da gestão escolar alertando que aqueles (as) que se não atingissem os índices desejados em 2024 não poderiam lecionar disciplinas relacionadas às plataformas.

Além disso, muitas escolas ainda carecem de infraestrutura básica para as atividades digitais obrigatórias. Assim, é comum que professores usem os próprios pacotes de dados para cumprir as demandas exigidas. Diante disso, Moraes (2023) afirma que, superada a pandemia, o uso atual dessas plataformas exige maior cautela.

> Não estamos mais em situação de emergência, em que qualquer medida era melhor que a paralisia e o isolamento entre alunos, professores e a falta de mediação da escola no processo ensino-aprendizagem. Educação é muito mais que um recurso didático isolado como infraestrutura de intermediação facilitadora da circulação de informações. O conhecimento é algo maior e exige sociabilidade, interação que pode ser auxiliada pelas técnicas digitais e pelas plataformas para melhorar e enriquecer o processo de aprendizagem. A construção do conhecimento é o inverso da fragmentação com acúmulo isolado de fatos e informações. Assim, há que se frear esse ímpeto irresponsável da plataformização a todo custo, no menor tempo possível e implantado à revelia dos educadores (Moraes, 2023).

Posto isso, considera-se que, se usadas de modo a edificar o conhecimento, e não somente sugerir a modernização dos meios de ensino-aprendizagem enquanto uma resolução mecânica, as tecnologias digitais educacionais podem ser ferramentas capazes de ajudar efetivamente o ensino. Entre suas vantagens, destaca-se a acessibilidade para pessoas com deficiência ou estudantes afastados por motivos de saúde. As plataformas digitais devem atuar como suporte pedagógico integrado ao planejamento dos professores, rejeitando aulas prontas que anulam as escolhas didáticas e limitam a autonomia docente para o cumprimento mecânico dos índices do Ideb[8].

[8] O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) é um indicador estatístico que mede a qualidade da educação básica no Brasil.


Licença CC BY 4.0

**Quadro 3** – Texto-convite à experimentação da própria presença

| |
|---|
| E se, nesse momento, buscássemos as brechas que existem no espaço?<br>E se buscássemos brechas no nosso próprio corpo? Como por exemplo, entre os dedos dos pés ou pelo buraco que se cria quando colocamos a mão na cintura.<br>Como é continuar a leitura através das brechas? |

**Fonte:** As autoras.

## Atenção às corporeidades como ato de re(existência)

Diante do que foi apresentado até aqui, retoma-se à pergunta inicial: Como podemos cavar modos de criar-ensinar-aprender pela experiência, em consideração às singularidades dos corpos, dentro de um sistema que nos quer padronizar, nos mantendo sentados (as) diante de telas?

Ao embeber-se dos estudos do educador brasileiro Paulo Freire e da educadora estadunidense Bell Hooks, Pineau (2013) passa a compreender o corpo a partir de três dimensões interconectadas: o corpo ideológico, o etnográfico e o performático/atuante. O corpo ideológico é aquele atravessado, desde o nascimento, por fatores como “etnicidade, classe, gênero, orientação sexual, capacidade física, e assim por diante” (Pineau, 2013, p. 41). Segundo a autora, por sermos constituídos(as) de ideologias - e essas impressas na nossa própria musculatura, acabamos por reproduzir uma lógica de educação cristalizada em nós durante a vida. Afinal, [...] não há um corpo não mediado e não histórico que seja capaz de ficar fora de si mesmo, literalmente do lado de fora de sua própria pele e, portanto, fora de sua situação sociocultural (Pineau, 2013, p. 41). Contudo, não estamos fadados a repetir nossas ideologias, para explicar isso, a professora traz o conceito de corpo atuante.

O corpo atuante identifica que, ao serem convocados a tomar consciência de si e do mundo como agentes de transformação, os indivíduos se tornam sujeitos-performers da própria vida, capazes de transformá-la em alguma medida. Desse modo, tomar a noção de corpo performático para pensar a sala de aula no ensino formal parece ser uma forma de escancarar aos estudantes que aquele ambiente pode transformá-los de maneira sensível, subjetiva e estética, para além


Licença CC BY 4.0

dos conteúdos pré-estabelecidos e institucionalizados. Sabemos que a escola é um território vivenciado corporalmente, portanto, evocar as potencialidades dos corpos-sujeitos para a emancipação e para a criticidade significa, fundamentalmente, respeitar essas existências.

Márcia Strazzacappa, afirma que “o indivíduo age no mundo através de seu corpo, mais especificamente através do movimento. É o movimento corporal que possibilita às pessoas se comunicarem, trabalharem, aprenderem, sentirem o mundo e serem sentidos” (Strazzacappa, 200, p. 69). Nossa presença no mundo está relacionada à maneira como o nosso corpo foi moldado. Alterar fisicamente essa presença pode, consequentemente, modificar a nossa forma de existir. “A metodologia da performance significa aprender pelo fazer e pode incluir qualquer aproximação experiencial que convide os (as) estudantes a lutarem corporalmente com os conteúdos da disciplina” (Pineau, 2013, p. 51-52). Ao serem estimulados (as) a atuar com mais autonomia, estudantes ultrapassam a ideia de lutar corporalmente nas disciplinas para lutar corporalmente na vida.

Contudo, essas afirmações elementares parecem distantes do ensino formal institucionalizado. As práticas corporais acabam ficando limitadas às aulas de educação física ou aos momentos de intervalo, enquanto à sala de aula pertence uma performatividade própria: saber como sentar, para onde olhar e até mesmo manter um tônus muscular específico, considerado o mais correto. Este não deve ser nem tão relaxado, para não parecer desinteressado, nem tão ativo, para não chamar a atenção. É esperado que haja uma passividade, consequentemente um enrijecimento do corpo estudantil/pedagógico. Segundo Baitello Junior (2012), os glúteos não são almofadas, não foram feitos para sentar, mas para serem alavancas, para impulsionar o movimento. Um corpo sentado diante de uma tela limita as possibilidades de movimento à funcionalidade operacional da máquina.

A frase de Strazzacappa presente na epígrafe deste artigo sintetiza bem a dinâmica de negligência às atividades que envolvem o conhecimento pelo fazer:

> Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é uma forma de educação: a educação para o não-movimento – educação para a repressão. Em ambas as situações, a educação do corpo está acontecendo. O que diferencia


Licença CC BY 4.0

> uma atitude da outra é o tipo de indivíduo que estaremos formando. Cabe agora a cada um de nós fazer a reflexão (Strazzacappa 2001, p. 79).

Diante disso, quais serão as nossas escolhas enquanto educadores/artistas/estudantes/pesquisadores (as)?

## Táticas para dançar com as Plataformas

Diante da Plataformização do ensino no estado do Paraná, parece urgente e necessário buscar novos modos de habitar esse novo contexto. Para isso, adotamos uma abordagem hipotético-dedutiva, através de uma pesquisa performativa (Haseman, 2006), articulando referenciais teóricos e propostas práticas, a fim de que a compreensão do problema impulsionasse o desenvolvimento de "táticas do cotidiano". Esse conceito, retirado da obra “A Invenção do Cotidiano: Artes do Fazer” do historiador e antropólogo francês Michel de Certeau, refere-se a pequenas ações criativas que subvertem as lógicas de poder dominantes. Portanto, lubrificar as relações pela articulação do próprio corpo; tonificar as presenças ativando o tônus muscular; transitar entre criação-ensino-aprendizagem enquanto caminhamos pela sala; ou responder aos quizzes obrigatórios propondo a dança dentro das plataformas, são pequenas táticas que se mostram como meios de pensar a educação. Através de uma abordagem da dança em campo expandido, em diálogo com outras linguagens, alçamos encontrar brechas para desenvolver outras formas de criar-ensinar-aprender pelo mover.

O Professor de Língua Portuguesa Oda Rodrigues - em entrevista gravada no YouTube, para o projeto de extensão e pesquisa DIÁLOGOS QUALIFICADOS da Universidade Estadual do Paraná- Campus Curitiba II - conta como foi a sua experiência em trabalhar intrinsecamente o corpo junto da sua disciplina em sala de aula.

> A gente tem que dialogar obrigatoriamente, a gente aprende pelo corpo, ensinar pelo fazer, por escutar, por ver, por sentir, por dialogar com o outro, [...] não precisa ser o tempo todo difícil, não precisa ser o tempo em silêncio, não precisa ser o


Licença CC BY 4.0

> tempo todo sentado. O corpo tá aí, ele pulsa. O corpo pulsa (Rodrigues, 2023).

Ao propor a produção de um filme à turma, Rodrigues despertou nos discentes, além do conteúdo programático, competências como senso de responsabilidade, trabalho em equipe, organização e oratória, necessária para se comunicar com os agentes escolares ao reservar os espaços de gravação. Ajudando-os (as) a corporificar elementos da vida através da prática.

**Quadro 4** – Texto-convite à experimentação da própria presença

| O que te faz dançar? |
|---|

**Fonte:** As autoras.

A partir desse depoimento e em busca da vivência prática do corpo no ambiente escolar, algumas táticas foram identificadas como caminhos para “jogar” com as ferramentas digitais de uso obrigatório. Um exemplo disso é o aplicativo Quizzes (ou Desafio Paraná), que permite formular perguntas com respostas livres. Ao optar pelo formato discursivo em detrimento da múltipla escolha, o docente viabiliza que a turma elabore as próprias respostas seguindo os combinados preestabelecidos. A seguir serão apresentados alguns dos vários caminhos possíveis para pensarmos como as respostas no aplicativo podem acontecer junto da experiência do corpo em movimento.

*Exemplo 01:*

- Unidade Temática: Dança
- Conteúdo: Eucinética - Fator Peso (instabilidade e estabilidade) segundo o sistema Laban.

Uma sugestão para as aulas de Arte consiste em publicar um Quiz sem perguntas, utilizando apenas um ponto no campo obrigatório para que o aplicativo


Licença CC BY 4.0

valide a questão. Dessa forma, estudantes e docentes acessam simultaneamente a tarefa. As perguntas e os desafios são lançados em tempo real, permitindo que os discentes respondam por meio de dispositivos digitais (celulares, tablets ou computadores) conectados à atividade prática. O objetivo central é integrar a tecnologia como materialidade relacional, evitando que ela se torne a protagonista da experiência.

Alguns convites que poderiam ser lançados:

*- Relembrando os estudos sobre as partes do corpo (braço, pescoço, tronco, etc.), quais partes você diria que estão em contato com a cadeira ou carteira neste exato momento? (responder no quizzes, em aberto)*
*- Você considera que está em uma relação de equilíbrio (estável) ou desequilíbrio (instável) com este objeto (cadeira/carteira)? (responder no quizzes, em aberto)*
*- Agora, e se você mudar de posição em relação à cadeira ou carteira (em pé, deitado/a ou apoiado/a)? A sua relação de estabilidade com esse objeto mudou? (responder no quizzes, em aberto)*
*- Quais partes do seu corpo você observa que estão em contato com a cadeira ou carteira agora? O joelho, o braço, apenas a unha do pé? (responder no quizzes, em aberto)*

No decorrer da aula, seria interessante propor que a turma deixasse a materialidade digital de lado para se relacionar coletivamente. Por exemplo:

*- Podem deixar os tablets de lado, agora o desafio é: O que vocês precisam fazer enquanto turma, para que todos (as) juntos (as) estejam em relação de desequilíbrio (instabilidade) uns (as) com os (as) outros (as)?*

*Exemplo 02:*

- Unidade Temática: Artes Visuais e Dança


Licença CC BY 4.0

- Conteúdo: Pinturas Rupestres; Eucinética - Fator de movimento Tempo (acelerado e desacelerado); Categoria Espaço (alto, médio e baixo)

Primeiramente, os (as) estudantes são convidados a se posicionar na sala de aula com as carteiras afastadas. Após a distribuição aleatória de imagens de pinturas rupestres, os grupos escolhem algumas delas para criar uma história expressa exclusivamente por movimentos corporais. Na etapa seguinte, a turma utiliza os tablets ou computadores para acessar um quiz previamente preparado, cujas perguntas orientam a continuidade da prática.

Alguns convites que poderiam ser lançados no Quizzes:

*- Pensando em compor a narrativa e os personagens que criaram, como vocês poderiam incluir os níveis alto, médio e baixo para complexificar os movimentos?*
*- Quais eram os papéis sociais que existiam nesse período, segundo a percepção de vocês?*
*- Como o tempo acelerado e desacelerado contribuem para evidenciar esses papeis sociais?*

O encerramento da atividade pode ocorrer por meio de uma conversa para mapear as percepções sobre a experiência, abrindo espaço para a escuta mútua e o aprendizado coletivo.

Estes exemplos são caminhos para pensarmos em outras possibilidades de habitar as plataformas, portanto não uma regra. Sabemos que cada realidade se estabelece de uma maneira diferente dentro das escolas e que os desejos são, muitas vezes, apagados devido a uma série de problemáticas político-estruturais que não nos permitem por muitas vezes, habitar vivamente a escola como almejamos. No entanto, a realidade desafiadora também pode ser um impulso para o movimento enquanto educadores (as) no combate ao pensamento enrijecido e na defesa da autonomia docente.


Licença CC BY 4.0

## Considerações

O estudo abordou a plataformização do ensino nas escolas públicas paranaenses, destacando os impactos de uma adesão tecnológica implementada sem o diálogo com docentes e a comunidade escolar. Nele também se discutiu a urgência de uma abordagem voltada às singularidades dos corpos, valorizando a corporeidade e o potencial do movimento-pensamento proporcionado pela Dança.

O desejo de realizar esta pesquisa concentrou-se em cavar os espaços não ditos que possam ser, talvez, uma forma de habitar mais vivamente o ensino. Diante das pressões por enrijecimento, robotização dos corpos e lucro na educação, questiona-se: onde estão as brechas de sobrevivência na escola? Conforme aponta Silva (2014, p. 22), “quanto mais o ser humano aperfeiçoa seus aparatos tecnológicos, mais torna-se necessário revisitar o seu corpo.” O autor complementa que a transformação social exige a "recuperação do corpo, do movimento, da ação" (Silva, 2014, p. 21). Assim, apostar nas potencialidades do corpo é essencial para construir uma educação pública de qualidade, adotando a metodologia performativa como uma fresta de resistência frente à plataformização.

## Referências

ABREU-NOGUEIRA, J.; BAGGIO, E. (dir.). *Professoras*. Curitiba: Unespar/LICA, 2024. 1 longa-metragem (documentário).

BAITELLO JUNIOR, N. *O Pensamento Sentado*: sobre glúteos, cadeiras e imagens. São Leopoldo: Unisinos, 2012.

CAMPELO, C. R. *Caleidoscorpos*: um estudo semiótico do corpo e seus códigos. São Paulo: AnnaBlume, 1997.

CERTEAU, M. de. *A Invenção do cotidiano*: 1. Artes de Fazer. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

FERNANDES, M. *‘Não estamos dando aulas, apenas preenchendo plataformas’*, afirmam professores da rede pública do Paraná. *Brasil de Fato*, Curitiba, 20 ago. 2024. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2024/08/20/nao-estamos-dando-aulas-apenas-preen


Licença CC BY 4.0

chendo-plataformas-afirmam-professores-da-rede-publica-do-parana/. Acesso em: 14 mar. 2026.

HASEMAN, B. C. A Manifesto for Performative Research. *Media International Australia*, London, v. 118, n. 1, p. 98-106, Feb. 2006.

MORAES, R. Plataformização da Educação: um debate necessário! *In*: *Blog do Roberto Moraes*, Curitiba, 1 jul. 2023. Disponível em: https://www.robertomoraes.com.br/search?q=plataformiza%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 14 mar. 2026.

O FIM do professor: pesquisadores(as) da UFPR fazem alerta sobre plataformas impostas pela Seed. Curitiba: *APP-Sindicato*, 20 set. 2023. Disponível em: https://appsindicato.org.br/o-fim-do-professor-pesquisadoresas-da-ufpr-fazem-alerta-sobre-plataformas-impostas-pela-seed/. Acesso em: 14 mar. 2026.

A PLATAFORMIZAÇÃO da educação na América Latina/África e a soberania digital no Sul Global. São Paulo: Comitê Gestor da Internet no Brasil, 22 maio 2024. 1 vídeo (91 min). Publicado pelo canal NICbr Videos. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1sKpd_4nZd0&t=2137s. Acesso em: 14 mar. 2026.

PINEAU, E. L. Pedagogia crítico-performativa: encarnando a política da educação libertadora. *In*: PEREIRA, M. A. (org.). *Performance e Educação*: [des] territorializações pedagógicas. Santa Maria: UFSM, 2013.

RODRIGUES, O. *Diálogos Qualificados*: Documentário Final. YouTube, 22 dez. 2023. 1 vídeo (26 min). Publicado pelo canal LabEducine. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_LrFxL9KL_o. Acesso em: 14 mar. 2026. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_LrFxL9KL_o. Acesso em: 14 mar. 2026.

PARANÁ. Secretaria da Educação e do Esporte. *Com uso intenso da tecnologia, Paraná se tornou referência em modernidade na Educação*. Curitiba: SEED/PR, 11 ago. 2020. Disponível em: https://www.educacao.pr.gov.br/Noticia/Com-uso-intenso-da-tecnologia-Parana-se-tornou-referencia-em-modernidade-na-Educacao. Acesso em: 14 mar. 2026.

SILVA, Q. M. *Em busca do corpo esquecido*: Uma reflexão sobre o corpo na escola. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Teatro) – Instituto de Artes, Universidade de Brasília, Brasília, 2014. Disponível em: https://www.passeidireto.com/arquivo/119124306/2014-quiteria-maria-da-silva. Acesso em: 14 mar. 2026.

STRAZZACAPPA, M. A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 21, n. 53, abr. 2001. Disponível em:


Licença CC BY 4.0

https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jG6yTFZZPTB63fMDKbsmKKv/abstract/?lang=pt. Acesso em: 14 mar. 2026.

STRAZZACAPPA, M. Dançando na chuva... E no chão de cimento. *In*: FERREIRA, S. (org.). *Ensino das Artes*: construindo caminhos. 10. ed. Campinas: Papirus, 2012. cap. 2. Disponível em: https://doceru.com/doc/v1nn8nc. Acesso em: 14 mar. 2026.

USO obrigatório de apps em colégios gera impasse entre professores e governo do PR: 'Transforma a escola em fábrica de números e índices'. Curitiba: APP-Sindicato, 5 out. 2023. Disponível em: https://g1.globo.com/pr/parana/educacao/noticia/2023/10/05/uso-obrigatorio-de-apps-em-colegios-gera-impasse-entre-professores-e-governo-do-pr-transforma-a-escola-em-fabrica-de-numeros-e-indices.ghtml. Acesso em: 14 mar. 2026.

*Recebido em: 15 mar. 2026.*
*Aprovado em: 17 ago. 2026.*

*Revisor(a) de língua portuguesa: Camila de Fátima Rosa*
*Revisor(a) de língua inglesa: Thaís Machado de Paiva*
*Revisor(a) de língua espanhola: Laura Marques Sobrinho*


Licença CC BY 4.0